

DA REPRESENTAÇÃO DA NATUREZA NO JARDIM ROUSSEAUNIANO AO CONCEITO CONTEMPORÂNEO DE NATUREZA: uma lição para a biologia

(Luiz Paulo Araújo dos Santos)¹

(Elci Barbosa da Silva Alves)¹

(Wilson Alves de Paiva)²

RESUMO

A partir do conceito rousseauniano de natureza, buscamos compreender o processo de representação das condições naturais no jardim da Nova Heloísa. Nesta obra, Júlia representa de maneira primorosa um jardim no qual é quase imperceptível a ação humana em sua construção. Lugar de inspiração, modificação da alma e formação da virtude, o espaço natural adquire para Rousseau o valor de ser o local mais apropriado para uma possível reconciliação do homem consigo mesmo e com a natureza. Natureza para Rousseau possui três sentidos: o primeiro é o que inclui a matéria e toda sua variação de organização; o segundo refere-se às condições originais da criação, sem a modificação humana; e o terceiro é o sentido ontológico e diz respeito não somente à interioridade do homem como à sua essência universal. Na contemporaneidade, a natureza tem sido vista, não raro, somente com uma visão desenvolvimentista e colaboradora para o progresso como fornecedora de recursos para o bem estar humano. O projeto político e educacional de Rousseau tem como objetivo reconciliar natureza e cultura, de modo que o trabalho do homem não se oponha ao da natureza, mas que se integre numa ação conjunta, favorecendo um desenvolvimento sustentável das condições sociais. Considerando o ideal rousseauniano, quais as lições de Rousseau para os profissionais das ciências biológicas? Este trabalho vem apresentar uma reflexão sobre a representação da natureza expressa por Rousseau em seus jardins e a contribuição de sua visão para a ascensão humana na contemporaneidade de forma sensível e integrada de maneira simbiótica com a natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Rousseau. Nova Heloísa. Natureza. Jardim e Ciências Biológicas.

¹ Acadêmicos do Curso de Ciências Biológicas Licenciatura da Faculdade União de Goyazes.

² Orientador: Prof. Dr. Wilson Alves de Paiva, Faculdade União de Goyazes e Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

FROM THE REPRESENTATION OF NATURE IN ROUSSEAU'S GARDEN TO THE CONTEMPORANEOUS CONCEPT OF NATURE: A lesson for Biology

ABSTRACT

From Rousseau's concept of nature, the work seeks to understand the process of representation of the natural conditions of New Heloise's garden. In Rousseau's masterpiece, Julia is so keen to raise a garden that human action is almost imperceptible. Place of inspiration, modification the soul and virtue's formation, the natural space for Rousseau takes the value to be the most appropriate place for a possible reconciliation of man with himself and with nature. Nature to Rousseau has three meanings: the first is that includes all matter and its changes of organization, the second refers to the original conditions of creation, without human modification, and the third is the ontological sense and relates not only to interiority of man as the universal essence. In contemporary times, nature has often been taken in relation with a developmental view and collaboratively to progress as a supplier of resources for human welfare. The educational and political project of Rousseau aims to reconcile nature and culture, so that the labor of man is not opposed to nature, but being part of a joint action, favoring sustainable development of social conditions. Considering the rousseauian ideal, which lessons could be taken for professionals in the biological sciences? This work is to present a reflection on the representation of nature expressed by Rousseau in their gardens and the contribution of his vision for the rise in contemporary human sensitively and integrated way symbiotic with nature.

KEY-WORDS: Rousseau. New Heloise. Nature. Garden and Biological Science.

INTRODUÇÃO

Nascido em Genebra, Suíça, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) foi criado por seu pai devido ao falecimento de sua mãe, dias depois do parto. Aos dez anos foi morar com um pastor protestante onde teve uma educação rígida e religiosa. Ao fugir de casa aos 16 anos, Rousseau foi para a França e acabou tendo um caso com uma rica senhora, Madame de Warens, que o converteu ao catolicismo. Além do mais, desenvolveu o gosto pela música e filosofia. Rousseau era um exímio leitor, característica esta que carregou por sua vida e que aprendera com seu pai em suas madrugadas de leitura. Além de exímio leitor, Rousseau foi também um grande escritor e talvez o mais significativo filósofo da educação. Tanto que é considerado o pai da pedagogia moderna (CAMBI, 1999). Uma de suas mais expressivas obras é o *Emílio ou da Educação*, no qual desenvolve uma ampla reflexão sobre o fenômeno educativo e as melhores formas de desenvolver a formação humana. Escreveu também um grande romance intitulado *Júlia ou A Nova Heloísa*, no qual encontramos o jardim Eliseu que nos serviu de base para o desenvolvimento deste trabalho. A partir da metáfora do jardim é possível tirar importantes contribuições às Ciências Biológicas, tanto no que diz respeito à distribuição do ambiente natural quanto à utilização da natureza no processo ensino/aprendizagem, bem como da importância da natureza na formação da sensibilidade e virtude nos homens.

ROUSSEAU E A NATUREZA

O termo *natureza* assumiu diferentes significados durante o transcurso da história. Na Idade Antiga (do século VI a.C. até o século V d.C.), houve o predomínio

da ordem cosmológica (ASSMANN, 2007 apud BACKES, 2010). Para os gregos, a natureza lembra o cosmos, o universo e tudo o que existe, no qual, para Kesserlring (1992 citado por BACKES, 2010), a mesma é disposta pela *vida orgânica*³, por *processos circulares*⁴ e pela existência da *essência de cada ser singular*⁵. A Idade Antiga, em suma, é “fisiocêntrica” e “cosmocêntrica”, por predominar a razão da natureza (ASSMANN, 2007 apud BACKES, 2010).

Na Idade Média, o que houve foi o predomínio da ordem teocêntrica e início da influência do antropocentrismo (do século V d.C. até o século XIV ou XV). Pois, este é ter no homem o centro do universo, em que todas as coisas existem em função dele e para ele, e aquele é ter em Deus tais atribuições. Portanto,

novos aspectos da concepção da natureza surgem, principalmente, por meio da tradição bíblica, baseada na tradição cristã, na qual a natureza é apreendida no âmbito da criação. Nessa cosmologia cristã existe um Criador, o qual não faz parte da natureza (BACKES, 2010).

O conceito muda radicalmente na Idade Moderna onde há o predomínio da ordem antropocêntrica (do século XIV/XVI até a metade do século XIX) (ASSMANN, 2007 apud BACKES, 2010). Nesse contexto, o homem passa a ser, por um lado, o agente de transformação da natureza, tendo-a submissa e unicamente como fornecedora dos recursos para o desenvolvimento econômico, sobretudo após a revolução industrial, em meados do século XVIII. Os humanos estão inseridos como seres privilegiados em detrimento às demais criaturas. Embora se mantivessem ainda inseridos na natureza, como criaturas, consideravam-se superiores às demais manifestações de vida. Por outro lado, a natureza representa não apenas a fonte de riqueza econômica, tal como defendiam os fisiocratas,⁶ mas também como fonte de riqueza moral e espiritual.

Malgrado que a apreensão da natureza passa da ordem fisiocêntrica e cosmocêntrica dos gregos para a teocêntrica, e que é, então, substituída pela antropocêntrica, defendida pelos modernos, Rousseau – mesmo sendo um moderno - não se prende a essas tendências e interpreta a natureza de forma bem original.

³ Incluía os processos como enfraquecer, murchar e deteriorar-se, pois acreditavam que sem a decomposição nada surgia novamente.

⁴ Diz respeito à repetição de processos sempre semelhantes, tais como o aparecimento e desaparecimento das estrelas do céu e o nascimento, crescimento, envelhecimento e morte dos seres vivos.

⁵ Representado pelas reflexões de Aristóteles em que traz à tona a questão da alma, vista como o princípio da vida, das capacidades e qualidades específicas de cada ser vivo (Aristóteles, 1987).

⁶ Trata-se dos adeptos da fisiocracia, doutrina que só reconhece como fonte de riqueza o trabalho agrícola. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/fisiocracia>>. Acesso em: 06 outubro 2013.

Sua interpretação se expande em três perspectivas, a saber: a primeira inclui a matéria e toda sua variação de organização, como o cosmo, os astros, a biosfera e seus ecossistemas; a segunda é a natureza enquanto origem e que tem nas reflexões dos pré-socráticos sua maior similaridade, relacionando-se, inclusive, ao animismo⁷ estoico⁸; e, por fim, para definir a última, recorreremos a Paiva (2005), quando diz ser o “sentido ontológico e diz respeito não somente à interioridade do homem como à sua essência universal”, que é sua própria natureza. Portanto, Rousseau via a natureza em sua totalidade, abordando desde o meio físico, passando pela interioridade dos seres e transcendendo até ao metafísico, principalmente quando coloca na boca do vigário saboiano uma dimensão quase divina ao termo.

Essa categorização da natureza encontrada nos escritos de Rousseau não é simplesmente para defini-la em suas várias dimensões, pois a importância do contato sensível com a natureza aparece em toda a sua obra, além de ser sua fonte viva de inspiração. E a prova disso é que Rousseau busca na natureza a inspiração para responder a seguinte pergunta da academia de Dijon: “O restabelecimento das ciências e das artes terá favorecido o aprimoramento dos costumes?”. Tendo se isolado em uma floresta em Saint-Germain, em 1750, longe do convívio com seus semelhantes e da movimentada Paris, longe dos livros e de toda influência da vida em sociedade, Rousseau não se mostra indiferente às condições naturais e mergulha na infinita inspiração que a natureza é capaz de proporcionar a fim de encontrar a resposta para essa questão. O genebrino chega à seguinte conclusão:

Embrenhando pela floresta, buscava e encontrava a imagem dos primeiros tempos, cuja história orgulhosamente traçava; apropriava-me das pequenas mentiras dos homens; ousava desvendar sua natureza, seguir o progresso do tempo e das coisas que a desfigurava e, comparando o homem do homem com o homem da natureza, mostrar-lhe em seu pretensão aperfeiçoamento a verdadeira fonte de suas misérias. Minha alma, exaltada por essas sublimes contemplações, elevava-se à Divindade; e, vendo de lá meus semelhantes percorrer cegamente o caminho de seus preconceitos, de seus erros, de suas infelicidades, de seus crimes, gritava-lhes com uma voz fraca que eles não podiam ouvir: “insensatos, que vos queixais sem cessar da natureza, sabeis que todos os vossos males provêm de vós” (Confessions, L. VII, *Oeuvres complètes*, pp. 388-389. apud PAIVA, 2005).

⁷ Teoria criada por E. B. Taylor, em 1871, segundo a qual os povos naturais atribuem a todos os seres da natureza uma ou várias almas.

⁸ Uma das grandes escolas filosóficas do período helenista onde foi fundada, por volta de 300 a.C., por Zenão de Cício. Os principais mestres dessa escola foram, além de Zenão, Cleante de Axo e Crisipo de Soles. Com as escolas da mesma época, epicurismo e ceticismo, o Estoicismo compartilhou a afirmação do primado da questão moral sobre as teorias e o conceito de filosofia como *vida contemplativa* acima das ocupações, das preocupações e das emoções da vida comum.

Nessa perspectiva, Rousseau responde de forma negativa à indagação da academia em seu *Discurso sobre as ciências e as artes*, dizendo o contrário do que ela esperava, afirmando que o desenvolvimento das ciências e das artes não tinham melhorado os costumes, mas, pelo contrário, gerado a corrupção. Mesmo assim foi o ganhador do concurso, ficando conhecido por toda a elite parisiense.

Para Rousseau, as ciências e as artes tem forte expressão em sociedades que comumente estão em estágio de depravação moral. Já em povos simples ou incultos, comumente reinam a virtude e a honra. No prefácio de *Júlia ou A Nova Heloísa*, em uma disputa argumentativa entre Rousseau e um possível crítico de sua obra, encontramos a seguinte argumentação: “Aprendemos a amar a humanidade. Nas grandes sociedades somente aprendemos a odiar os homens” (ROUSSEAU, 2006, p. 27). Na carta XXIII à Júlia em que Saint-Preux descreve os costumes dos simples habitantes do Valais que conhecera ao se refugiar nas montanhas a mando de Júlia, encontramos também o seguinte trecho: “Que fazer entre um povo que vive por viver, não para ganhar nem para brilhar? Homens felizes e dignos de sê-lo, gosto de pensar que é preciso assemelhar-se a vós de alguma maneira para comprazer-se entre vós” (ROUSSEAU, 2006, p. 85). Portanto, fica clara a visão negativa de Rousseau sobre a vida em sociedade e a progressão das ciências e as artes, e a sua preferência pelos pequenos agrupamentos de pessoas e pelos costumes simples, bem como pela própria natureza.

Gozando de certa centralidade na obra rousseauiana, o termo natureza é fundamental para compreender a formação das virtudes⁹ do homem, e aparece em toda a obra de Rousseau. Inclusive, em sua melhor e mais importante obra, *Emílio, ou da Educação*, o autor baseia o saudável desenvolvimento educacional no respeito pela natureza. Pois os desígnios da natureza são retos e bons, mas os corrompidos, eternamente insatisfeitos, mudam tudo. Rousseau escreve na abertura do *Emílio*:

Tudo é certo em saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem. Ele obriga uma terra a nutrir as produções de outra, uma árvore a dar frutos de outra; mistura e confunde os climas, as estações; mutila seu cão, seu cavalo, seu escravo; transtorna tudo, desfigura tudo; ama a deformidade, os monstros; não quer nada como fez a natureza, nem o homem; tem de ensiná-lo para si, como um cavalo de picadeiro; tem que moldá-lo a seu jeito como uma árvore de seu jardim (ROUSSEAU, 1973, p. 9).

⁹ Adotaremos virtude como sendo o conjunto de todas ou qualquer das boas qualidades morais.

A vida em sociedade corrompe os homens, pois a ostentação e o excesso das paixões desvirtuam a natureza humana. Virtude é, também, uma palavra chave nas obras de Rousseau, sobretudo no belo romance *Júlia ou A Nova Heloísa*, que é recheado por esse vocábulo. Ao mesmo tempo em que serviu de inspiração ao amor dos jovens amantes, Júlia e o filósofo Saint-Preux, era para preservar a virtude que se mantiveram separados. Júlia se casa com o Sr. de Wolmar, mesmo que seu coração fosse do jovem filósofo. Sacrifica a terna união com seu amado em favor da virtude. E Saint-Preux faria o mesmo, caso necessário, como ele mesmo declara “[...] quando eu cessar de amar a virtude, não te amarei mais; diante da primeira infâmia de minha parte, não quero mais que me ames” (ROUSSEAU, 2006 p. 53).

Sendo assim, da mesma forma que o *Emílio* de Rousseau foi educado para ser bom e virtuoso, além destas qualidades, Júlia e outros integrantes do romance *Júlia ou A Nova Heloísa*, dão importantes lições de sensibilidade, amizade e até mesmo de amor, expostas nessa obra num belíssimo lirismo. Não obstante outros escritos de Rousseau, nesses dois a natureza tem importante papel na formação do homem, o que fortalece a importância da natureza na apreensão dos eixos em que toda a sua obra gira em torno.

O ESTADO DE NATUREZA

Assim como a vida em sociedade corrompe os homens, também não os permite agir em razão da virtude. Estas fissuras tiveram uma origem, mas onde se deu? A fim de entender tal origem e responder a essa questão, a deterioração completa da existência humana, Rousseau regride ao estado de natureza dos homens, o estado que antecede a vida em sociedade e, portanto, anterior à deterioração do gênero humano. Aí está o homem natural, e é a partir daí a máxima de Rousseau de que o homem é naturalmente bom, a sociedade é que o corrompe. Pois, como ele mesmo afirma, "ponhamos como máxima incontestável que os primeiros movimentos da natureza são sempre retos: não existe perversidade original no coração humano", como assegura no *Emílio* (ROUSSEAU, 1973, p.78). Nesse trecho fica clara a crença de Rousseau na bondade original do homem e na perfeição da natureza, e que, se lhe for permitida a liberdade adequada para o

desenvolvimento, a mesma natureza poderá torná-los úteis, felizes e bons, para si próprios e para outros (DENT, 1996, p. 122).

O homem natural de Rousseau, vivendo em condições primitivas, é um ponto referencial em que ainda não havia se corrompido pelos desvios de seu desenvolvimento, fruto da vida em sociedade. Esta condição primitiva é considerada pelo próprio Rousseau como "meros raciocínios hipotéticos e condicionais, mais apropriados a esclarecer a natureza das coisas do que a mostrar a verdadeira origem delas" (DD 45; OC III, 133, apud DENT, 1996, p. 131). Como metáfora ou categoria de análise, o próprio autor admite que tal homem possa nunca ter existido. O que não diminui o valor de sua teoria, pois reflete a utopia de homem que serve como referencial de virtude e bondade.

Os homens no estado de natureza não mantiveram nenhuma espécie de intercuro recíproco e eram, por conseguinte, estranhos à vaidade, deferência, estima e desdém; não tinham a menor ideia de "meu" e "teu", nem uma verdadeira noção de justiça; consideravam toda a violência de que eram alvo mais como um agravo que poderia ser facilmente reparado do que como um crime que devia ser punido; e nunca pensavam em vingar-se (DD 69; OC II, 157. apud DENT, 1996, 131, grifo do autor).

Analisando a partir do ponto de vista da biologia, o homem rousseauiano se aproxima do neandertalense e mesmo do *Homo sapiens* primitivo, quando tomamos o homem natural já vivendo na *Idade do Ouro*¹⁰, mas não coincide com a classificação científica das espécies, até porque o filósofo não intentou tal descrição, mas apenas refletiu sobre um possível modelo natural de homem.

A regressão de Rousseau ao estado de natureza nos fornece um referencial utópico de homem a fim de poder resgatar, não a condição prática e primitiva desses primevos humanos, ou seja, viver sob quatro patas como diz Voltaire (1694-1778)¹¹, mas sua condição virtuosa de existência. E, o primeiro passo para se chegar a esse alinhamento ajustado de homem natural, a essa formação de alma sensível e virtuosa, é viver em harmonia com a natureza. Sem isso, a humanidade se volta contra si mesmo, e caminha para a sua própria destruição, se não a for de forma física, certamente continuará a perpetuar os males que provém de si próprio.

¹⁰ Trata-se de uma "descrição que pode ser tomada como uma comparação aos selvagens existentes e citados nos relatos dos viajantes, mas não ao estado original" (PAIVA, 2010, p. 34).

¹¹ "Nunca se empregou tanto espírito em querer nos tornar bichos. A gente fica com vontade de andar de quatro ao ler vosso livro" (FORTES, 1989, p. 10).

Portanto, a regressão hipotética ao estado de natureza proporcionou a Rousseau entender a origem dos males da humanidade e concluir que, antes da vida em sociedade, não havia a corrupção do gênero humano. Por conseguinte, o homem é naturalmente bom e serve de referencial utópico para tentar resolver os problemas da vida em sociedade. O valor das análises rousseauiana está justamente na busca dessas origens para entendê-la em todas as suas peculiaridades, inclusive nos problemas e males que foram gerados a partir do desenvolvimento social. Pois, como o autor afirma, “a descoberta da causa do mal indica o remédio” (ROUSSEAU, 1973, p. 134).

O JARDIM DE ROUSSEAU E OS BIÓLOGOS

A relação homem/natureza muda novamente na Idade Contemporânea (da metade do século XIX até hoje). A intensa produção do conhecimento que se iniciou na modernidade gerou a fragmentação das áreas das ciências em física, química etc. A vida acelerada e o superpovoamento do globo fizeram com que os humanos agissem de modo que os meios natural e social passaram a atender não apenas às demandas de subsistência, mas também as mercadológicas. Este intenso desenvolvimento se mantém até aos dias de hoje e é amparado pelas novas tecnologias que surgem diariamente. Consequentemente, é neste contexto que se vê a necessidade de haver profissionais que possam reger com maestria essa nova realidade, com o objetivo de minimizar os problemas ambientais que essas transformações trazem. Momento em que surgem os profissionais das ciências biológicas, ou biólogos, para manejar da melhor forma possível o ambiente natural, favorecendo uma relação de respeito e não de exploração. Como houve várias mudanças na visão dos homens em relação à natureza ao longo da história, nessa nova realidade que surge, isto é, a contemporaneidade, há a necessidade de aprimoramento da visão de natureza e de seu modo de utilização.

Dentre as diferentes formas de representação da natureza, bem como de compreensão da *bios* em geral, é possível encontrar, na obra de Rousseau, uma substancial contribuição ao debate, uma vez que o autor valoriza a condição natural, a harmonia nela contida e os parâmetros que dela podem ser tirados, principalmente

na obra *Júlia ou A Nova Heloísa*. Nessa obra, destaca-se o jardim como uma metáfora para reflexão e aprendizado de lições que podem servir tanto para uma possível aplicação no modo de organização do ambiente natural, quanto para o desenvolvimento educativo de respeito, preservação e criação de um ambiente no qual seja possível o aperfeiçoamento humano.

Nessa mesma obra, as mãos de Júlia não produziram somente bons frutos para seu casamento, mas foram capazes de construir um jardim, nomeado Eliseu, que foi feito de maneira tão primorosa que os traços da ação da autora ficaram quase imperceptíveis. Uma obra que tentou representar da maneira mais fiel possível o ambiente natural sem a interferência humana. No trecho a seguir, Saint-Preux, em sua carta a Milorde Eduardo, descreve o jardim da seguinte forma:

Esse lugar, embora muito perto da casa, está de tal forma escondido pela alameda coberta, que dela o separa que não é percebido de nenhum lugar. A espessa folhagem que o rodeia não permite que a vista penetre e está sempre cuidadosamente fechado à chave. Mal entrei, por estar a porta escondida por amieiros e aveleiras que somente deixam duas estreitas passagens de ambos os lados, ao voltar-me não vi mais por onde entrara e, não percebendo nenhuma porta, encontrei-me lá como se tivesse caído das nuvens. Ao entrar nesse pretense pomar, senti-me atingido por uma agradável sensação de frescor que obscuras sombras, uma verdura animada e viva, flores esparsas por todos os lados, um murmúrio de água corrente e o canto de mil pássaros trouxeram à minha imaginação pelo menos tanto quanto aos meus sentidos; mas, ao mesmo tempo, julguei ver o lugar mais selvagem, mais solitário da natureza e parecia-me ser o primeiro mortal a ter alguma vez penetrado nesse deserto. Surpreso, impressionado, arrebatado por um espetáculo tão pouco previsto, permaneci um momento imóvel e exclamei num entusiasmo involuntário: Ó Tinia, ó Juan Fernandes! Júlia, o limite do mundo está ao vosso alcance! [...] Este lugar é encantador, é verdade, mas agreste e abandonado, nele não vejo trabalho humano. Fechastes a porta, a água veio não sei como, somente a natureza fez o resto e vós mesma nunca teríeis sabido agir tão bem quanto ela. É verdade, disse, que a natureza fez tudo, mas sob a minha direção e nada há aqui que eu não tenha organizado. [...] Eu nada compreendia desse enigma, mas Júlia, que até então me retivera, disse-me deixando-me ir: avançai e compreendereis. [...] adeus todo o encantamento! Num momento estareis de volta do fim do mundo (ROUSSEAU, 2006, p. 409-411).

Duas importantes ideias sobre a natureza podem ser extraídas desse trecho. A primeira é a sensibilidade, muito bem expressa por Júlia pelo seu cuidado na construção do jardim. Júlia faz um jardim que se assemelha ao ambiente natural e se mostra tão sensível aos detalhes que Saint-Preux, ao entrar no jardim, quase não vê a ação das mãos da autora. A segunda é a liberdade, pois Júlia permite à natureza que se desenvolva de forma livre, sem a imposição do espírito humano dominador e modificador. Embora houvesse a ação da artista, as características da região foram preservadas, havendo, inclusive, a utilização das espécies naturais da

região na criação do jardim. Isso é comprovado quando Júlia, ao ser questionada pelo filósofo sobre o trabalho e os gastos que a obra exigira, explica que não foi preciso mais do que a ação do tempo e um pouco de trabalho humano.

Por isso, diferentemente do jardim francês de sua época, também conhecido como formal ou clássico, em que impera o espírito humano sobre a natureza, prevalecendo as formas geometricamente bem elaboradas e não privilegiando as espécies da própria região, o jardim de Rousseau se assemelha ao jardim inglês, também conhecido como informal ou pitoresco, pois o que impera é a liberdade natural. Mesmo havendo a ação das mãos humanas, estas são sempre guiadas a fim de garantir que essa liberdade seja mantida (PACAGNELLA, 2005; PAIVA, 2009).

Portanto, enquanto que no jardim francês o que dá vida e movimento são os canais de água em forma geométrica, construídos para forçar a natureza a se desenvolver em um lugar que não lhe é favorecida, no jardim inglês o que gera vida é todo o conjunto de imprevisíveis formas tomadas pela natureza livre, a diversidade de animais ou os canais tortuosos e irregulares de água. O princípio do jardim inglês era o de "sempre refletir a paisagem circundante, plantar no jardim as espécies que cresceriam na mesma localidade, adequadas ao solo e ao clima" (MARX, 1967 apud PACAGNELLA, 2005) e que é claramente observado no jardim de Rousseau.

A utilidade desses dois princípios, agir sensivelmente e permitir o livre desenvolvimento da natureza, tem sua principal aplicabilidade aos biólogos que lidam com o manejo ambiental. Considerando que a vegetação de determinada região carrega consigo o arsenal evolutivo de centenas a milhares de anos e, conseqüentemente, são adaptadas para tal clima e solo, estas são as melhores opções, tanto para reflorestamento quanto para a decoração dos jardins e parques. O reflorestamento com a vegetação nativa já ocorre, mas e os jardins ou os parques? Há talvez mais exemplos da métrica francesa do que da inglesa, sobretudo quando se observa a característica dos jardins e praças das cidades históricas ou interiores. Algumas iniciativas recentes que mesclam as duas métricas, francesa e inglesa, podem ser observadas em Goiânia – o Parque Areião é um exemplo, e são claramente mais agradáveis e úteis. A qualidade do ar, o microclima desses ambientes, inclusive a possibilidade da morada de animais silvestres nesses lugares são exemplares. Essa mescla de métrica já produz resultados melhores do que quando há somente o estilo francês. Quando houver o emprego exclusivo do

estilo inglês e, conseqüentemente, o modelo do jardim de Rousseau, certamente estes espaços estarão sendo utilizados da melhor forma possível, os animais encontrarão um melhor refúgio em meio ao tumulto e perigo da cidade e os homens poderão se deliciar com o agrado que é estar próximo do ambiente natural.

E, retomando à *Júlia ou A Nova Heloísa*, na carta XXIII, em que Saint-Preux descreve os costumes dos valaisianos, encontramos também uma descrição de sua experimentação da natureza, ao refugiar-se nas montanhas do Valais. Rousseau, na voz de Saint-Preux, diz o seguinte:

Foi lá que desvendei, sensivelmente, na pureza do ar em que me encontrava, a verdadeira causa da transformação de meu humor e da volta desta paz interior que perdera havia tanto tempo. Com efeito, é uma impressão geral que experimentam todos os homens, embora nem todos o observem, que sobre as altas montanhas, onde o ar é puro e sutil, sentimos em nós a respiração mais fácil, o corpo mais leve, maior serenidade de espírito; os prazeres lá são menos ardentes, as paixões mais moderadas. As meditações tomam não sei que caráter grande e sublime, proporcional aos objetos que nos impressionam, não sei que volúpia tranquila que nada tem de acre e de sensual. Parece que, elevando-nos acima da morada dos homens, lá deixamos todos os sentimentos baixos e terrestres e que, à medida que nos aproximamos das regiões etéreas, a alma adquire alguma coisa de sua inalterável pureza. Lá somos graves sem melancolia, calmos sem indolência, contentes por existir e pensar: todos os desejos por demais vivos atenuam-se, perdem esse aguilhão agudo que os torna dolorosos, deixam no fundo do coração apenas uma emoção leve e doce e é assim que um clima feliz utiliza, para a felicidade do homem, as paixões que, alhures, fazem seu tormento. Duvido que alguma agitação violenta, alguma doença de vapores pudesse resistir contra uma tal estada prolongada e estou surpreso de que banhos do ar salutar e benéfico das montanhas não sejam um dos grandes remédios da medicina e da moral (2006, p. 83).

No trecho acima podemos observar os efeitos produzidos pela natureza em Saint-Preux. A pureza do ar lhe gerou paz interior, o corpo mais leve, serenidade de espírito. Sentiu também que sua alma foi elevada até às regiões etéreas, ou celestiais, e suas paixões foram moderadas. Paixões que são intensamente estimuladas no mundo contemporâneo e os seus desenfreados ímpetos aumentam o sofrimento humano. Saint-Preux saiu daquele lugar sentindo que sua alma havia experimentado uma inalterável pureza. E não há argumentação simplesmente retórica neste trecho, pois quem o escreveu foi um homem que, para vencer o concurso da academia de Dijon, se isolou em uma floresta para se inspirar. Que conhecia tanto a vida campestre quanto a vida na cidade e sabia bem o sentimento que inspirava estar em cada um desses lugares. Que estudava botânica e catalogava plantas por gosto pela proximidade com a natureza.

Portanto, o ambiente natural, para Rousseau, considerando também o conjunto de suas obras, assume um aspecto de lugar de inspiração, modificação da

alma e formação da virtude. E é nisso que reside o valor de seu jardim. Pois se “tudo é certo em saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem”, escrito por Rousseau na abertura do *Emílio*, é a natureza que ainda detém os maiores resquícios da perfeição da obra do Criador. A harmoniosa relação com ambiente natural poderia, portanto, resgatar as condições originais de perfeição da vida. É neste ambiente que é provável a possível reconciliação do homem consigo mesmo e com a natureza. Por isso que Rousseau, ao querer encontrar a origem dos males da humanidade, remonta ao estado de natureza dos homens em que homem/natureza estavam em harmonia e a corrupção do gênero humano ainda não havia se consumado pela vida em sociedade. No estado de natureza, o homem se relacionava com a natureza somente com o intuito de existir, como Rousseau descreve em seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*: “vejo-o saciando-se debaixo de um carvalho, matando a sede no primeiro regato, encontrando o seu leito ao pé da mesma árvore que lhe forneceu o repasto; e eis satisfeitas as suas necessidades”. Neste estágio de sua existência, o homem era bom, pois sua relação com a natureza era plena e harmoniosa.

Mas qual seria a aplicabilidade dessa ideia de reconciliação do homem com a natureza quando contextualizamos esses argumentos com a realidade educacional do século XXI? Como o professor de biologia poderia agir para criar no aluno esse sentimento harmônico com a natureza? São perguntas simples, mas muito importantes quando consideramos os problemas que são tão urgentes de serem resolvidos no que diz respeito à natureza.

Consideremos os três mestres da educação de Rousseau – a educação da natureza, dos homens e das coisas. A educação da natureza é aquela percebida pelos sentidos e órgãos, e processado pelas faculdades cognitivas e intelectuais de cada indivíduo, ou seja, o eu. A educação que vem dos homens é aquela que se recebe dos outros, através da mediação, interação, comunicação e estimulação. E a educação das coisas é fruto da experiência pessoal sobre os objetos (GADOTTI, 2004 apud MEDINA, 2011).

No propósito de nossa análise, se restringirmos esses três tipos de educação à que é realizada nas escolas, de um modo geral, a educação dos homens é a que sempre ocorre, sendo seguida pela educação das coisas e, por último, a da natureza. A dos homens é comum em aulas expositivas, a das coisas ocorre, geralmente, em aulas práticas, podendo ser laboratoriais ou não. E a da

natureza, com o contato direto com as condições ambientais. Embora Rousseau empregue a “educação da natureza” em outro sentido, no *Emílio*, não se pode desconsiderar a dimensão pedagógica no contato com o meio ambiente. Se não, o preceptor não levaria seu discípulo ao campo e nem Rousseau passaria vários dias em devaneios pelas matas.

Se para Rousseau o ambiente natural é lugar de inspiração, modificação da alma e formação da virtude, como é claramente mostrado pelo relato de Saint-Preux sobre o jardim Eliseu, fazer com que os alunos tenham essa relação com a natureza, a relação prática, é fundamental para formação das virtudes que irão favorecer a harmonia entre homem/natureza. Este tipo de ensino, ou estímulo, pode sempre marcar a alma dos estudantes e produzir bons frutos.

A arte de formar jardins aparece em alguns lugares no tratado educacional de Rousseau, o *Emílio*, análoga à arte de formar os homens, possibilitando uma comparação entre Júlia, a jardineira formadora do Elizeu, com o preceptor Jean-Jacques, o formador do Emílio (PAIVA, 2009). Adicionalmente, uma nova metáfora é permitida, a do professor como um jardineiro de homens. Júlia guiou o jardim para que se desenvolvesse de forma natural e livre, atuou sensivelmente para que sua obra fosse cuidadosamente construída. O professor é um jardineiro de homens. Sua obra é construir homens virtuosos no exercício da vida social. Não excluimos aqui a responsabilidade do todo social, inclusive a da família, mas a tarefa do professor se assemelha à de Júlia quando, no exercício da profissão, pode formar caracteres. Dessa forma, tal perspectiva poderá também ser empregada pelos professores no processo ensino-aprendizagem a fim de despertar nos alunos uma maior sensibilidade e gosto pela harmonia no relacionamento com a natureza.

Como vimos, a ação de Júlia foi produzir um jardim que ocultasse a ação da autora. Por sua vez, a ação de Jean-Jacques estava em formar um homem e cidadão virtuoso que estivesse plenamente desenvolvido e preparado para a vida em sociedade. A ação do professor deve ser a de guiar seus alunos a alcançarem um pleno desenvolvimento por meio da educação para que possam ser livres para refletir e tenham harmonia com a natureza. E, como Júlia, ao usar da natureza para produzir um lugar inspirador, o professor deve usar a natureza para inspirar a harmonia entre homem/natureza que os homens perderam com o progresso da vida em sociedade.

Lamentavelmente, é possível detectar na educação atual o emprego de conceitos de forma demasiado abstrata, sem muita referência concreta, dificultando a compreensão dos alunos. Quanto a isso, Rousseau já dizia de forma muito objetiva: “Nunca repetirei bastante que damos demasiada importância às palavras; com nossa educação tagarela, não fazemos senão tagarelas” (ROUSSEAU, 1973, p. 191). É necessário vencer a tagarelice e, na prática, os professores devem criar estratégias para ampliar a experimentação da natureza por parte dos alunos. Pois quanto maior o contato direto com o ambiente natural, mais efetivo será o sentimento de participação e vivência com a natureza. O que pode, portanto, favorecer a ampliação do sentimento de preservar como um dever.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato que estamos inseridos em uma crise ambiental, como atestam os livros de biologia, ONGs, cientistas e a mídia em geral. Essa crise, que se agravou com a revolução industrial, está latente na contemporaneidade. E o que a justifica é a demanda de consumo, que é grande, principalmente porque a população mundial já alcança em torno de 7,5 bilhões de pessoas. Portanto, cada metro quadrado do globo terrestre está bastante disputado e precisa ser usado com inteligência e responsabilidade. Mas, segundo Rousseau, a natureza não é somente uma fonte de víveres ou matéria prima. A natureza sempre fez parte do aperfeiçoamento humano, principalmente porque somos parte dela. Para Rousseau, a natureza é decomponível em três perspectivas, são elas: a natureza física, a natureza das coisas e a natureza do ser. Já durante o transcorrer da história, a natureza pode ser desdobrada nas quatro eras como fisiocêntrica e cosmocêntrica, na antiguidade; teocêntrica e antropocêntrica, no período medieval; antropocêntrica, na modernidade; e, por último, a contemporaneidade que trouxe consigo os problemas ambientais da modernidade, mas, infelizmente, com agravos. Diante desses desafios, procuramos em Rousseau as lições que, por meio da educação, possam ser usadas para melhoria no modo de lidar com a natureza.

A obra de Rousseau é rica em valorização da natureza. E isso aparece claramente quando apreendemos o eixo central de sua obra, de que o homem, por

natureza, é bom, e ao perder a harmonia com a mesma, dando lugar ao excesso de suas paixões geradas pela vida em sociedade, a corrupção da alma entra na vida humana. Portanto, para Rousseau, o reestabelecimento do homem com seus desígnios naturais, a reconstrução da harmonia do homem com a natureza pode formar as virtudes que um dia foram perdidas.

No jardim Eliseu nos é permitido aprender com Júlia como tratar o ambiente natural e com Saint-Preux como a natureza viva pode gerar virtudes nos homens. Além disso, podemos também fazer uma analogia entre Júlia, em sua cuidadosa obra de formar jardins, e a arte do professor em formar homens. Saint-Preux agiu sensivelmente dando lugar em sua percepção de que experimentar a natureza, e esse exemplo também é encontrado quando o filósofo se refugia nas montanhas, pode produzir, não somente boas obras para a alma, mas também para o corpo. Júlia produziu uma obra tão esmerada pela sensibilidade e cuidado que Saint-Preux quase não pode perceber a ação de suas mãos em sua obra, o Eliseu. E a analogia entre Júlia e o ofício de professor se estabelece quando, no ofício de guiar o pleno desenvolvimento de seus alunos, o professor produz uma obra, que assim como Júlia fez no jardim ao conduzir o desenvolvimento daquele ambiente que viria a ser um local formador de virtude, os alunos o sejam, tanto virtuosos como formadores de virtude.

Mas a natureza aparece, nos escritos do genebrino, também como um local de inspiração. E foi embrenhado na mata que Rousseau teve a inspiração necessária para vencer o concurso da academia de Dijon.

Contudo, o cerne da nossa questão é, do ponto de vista prático, como a natureza pode ser usada pelos professores de biologia na construção dessa obra, que é formar homens? Não queremos ser simplistas, mas a resposta é um tanto quanto simples. É permitir que os alunos vivenciem, na prática, o ambiente natural, os animais, interajam com a vida como um todo, não somente olhando as gravuras de um livro, mas relacionando-se com a natureza com maior intensidade.

A contemporaneidade, ou pós-modernidade, tem distanciado o homem da natureza. Agora, na maior parte dos casos, a natureza só pode ser vista em documentários. E é necessário que essa exposição seja feita. Mas o sentir a natureza, a experimentação palpável só é permitida estando junto dela. Originalmente, somos integrantes da natureza, e as ciências biológicas comprovam que somos animais e precisamos da natureza para sobreviver (BACKES, 2010). Isso

vai para além dos víveres e da matéria prima fornecida pela natureza, vai de encontro com uma vida harmônica entre homem/natureza e, como defende Rousseau no *Emílio*, de encontro com um ideal de formação que valorize as disposições naturais, o homem natural, bom como a natureza o fez, para viver em plena sociedade estabelecida, lutando contra toda forma de corrupção e deterioração humanas. Portanto, em uma era em que há uma espécie de solução de continuidade dos abusos dos homens para com a natureza que começaram desde os primeiros tempos, a harmonia é, não somente um luxo para os homens, mas uma necessidade.

Por fim, os professores têm nas mãos a possibilidade de construir uma obra com sensibilidade, inspirando-se na natureza e utilizando-se da natureza para inspirar os seus alunos. O que, conseqüentemente, pode produzir o importante sentimento que pouco importa para muitos, qual seja o de preservar a natureza por ver nela a construção de si próprio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigos

BACKES, M. T. S. et al. Noções de natureza e derivações para a saúde - uma incursão na literatura. *PhysisRevista de Saúde Coletiva*, v. 20, n. 3, p. 729-751, jan. 2010.

KESSELRING, T. O conceito de natureza na história do pensamento ocidental. *Ciência & Ambiente*. Ano III, n. 5, p. 19-39, jul./dez. 1992.

MARX, R.B. O jardim como forma de arte. *Cadernos brasileiros*. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 39, p. 15-25, jan./fev. 1967.

PAIVA, W. A. O jardim de Rousseau e a virtude do jardineiro. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, v.14, p. 147-178, jan. 2009.

Capítulos de livros

PACAGNELA, C. E. Rousseau e a arte de cultivar jardins. "In": MARQUES, J. O. A. *Verdades e mentiras: 30 ensaios em torno de Jean-Jacques Rousseau*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. 167-178.

Documentos em formato eletrônico

MEDINA, G. B. K. Jean-Jacques Rousseau: uma reflexão sobre a educação infantil. In: *X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e I Seminário Internacional de Representações Sociais*, 10. 2011, Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4309_2728.pdf>. Acesso em: 09 setembro 2013.

ROUSSEAU, J.-J. *Discurso sobre as ciências e as artes*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000012.pdf>>. Acesso em: 09 setembro 2013.

Livros

ASSMANN, S. J. *O que é filosofia? A filosofia e as outras formas de conhecimento*. Mimeo, 2007.

CAMBI, F. *História da Pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.

DENT, J. J. H. *Dicionário Rousseau*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

FORTES, L. R. S. *Rousseau: o bom selvagem*. São Paulo: FTD, 1989. 119 p.

GADOTTI, Moacir. *Os mestres de Rousseau*. São Paulo: Cortez, 2004.

PAIVA, W. A. *O Emílio de Rousseau e a formação do cidadão do mundo moderno*. Trindade, Go: Ed. CEODO, 2005.

ROUSSEAU, J.-J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999. - (Coleção Os Pensadores; volume II)

ROUSSEAU, J.-J. *Emílio ou da educação*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1973.

ROUSSEAU, J.-J. *Júlia ou a Nova Heloísa*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. 2. ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 2006.

Tese

PAIVA, W. A. *Da reconfiguração do homem: Um estudo da ação político-pedagógica na formação do homem em Jean-Jacques Rousseau*. 2010. 230 f. Tese (Doutorado em Filosofia e Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.